
GRIFO

A partir de “Mensagem” de Fernando Pessoa com curadoria de Ana Matos

OBRAS INÉDITAS DE

Cláudio Garrudo

Helena Gonçalves

Jaime Vasconcelos

Joanna Latka

Marta Ubach

Pauliana Valente Pimentel

Teresa Gonçalves Lobo

TEXTOS DE

Ana Sousa Dias

Gonçalo M. Tavares

José Manuel dos Santos

MENS AGITAT MOLEM¹

Ana Matos

Com origem no grego e no latim, o grifo é um animal do imaginário, da fábula, do qual se dizia ter cabeça e asas de águia, e corpo de leão com quatro pés de garra. Tem a particularidade de agregar, no mesmo ser, a rainha e o rei do mundo animal, representando a junção do lado celeste, a águia, e o lado terreno, com o leão. O sonho, a espiritualidade, a vontade em comunhão com o fazer, a luta e a resistência. Grifo, também, significa enigma, de difícil interpretação e resolução. Estas, e outras razões que pairariam no seu espírito, levaram Fernando Pessoa a considerar o grifo como símbolo do Brasão na primeira parte de Mensagem. Grifo pode ser ainda o que corresponde ao tipo de letra itálico a que recorremos quando queremos fazer uma citação. No fundo, estas três definições estão na base desta exposição que resulta de interpretações livres que cada um dos 7 artistas desenvolveu para a abertura da Galeria das Salgadeiras nas suas novas instalações, 11 anos depois da sua criação na rua que lhe deu o nome.

O grifo pairou na Atalaia e está à atalaia. Obras inéditas de Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Jaime Vasconcelos, Joanna Latka, Marta Ubach, Pauliana Valente Pimentel e Teresa Gonçalves Lobo são apresentadas sobre o desígnio e o cariz simbólico deste poema de

Fernando Pessoa, o único em língua portuguesa dado a público pelo próprio, a 1 de Dezembro de 1934. Quarenta e quatro poemas que contam a história do que, à época, Portugal é (primeira parte, chamada “Brasão), o que Portugal foi (segunda parte, chamada “Mar Português”) e o que Portugal será (na última parte, chamada “O Encoberto”), porventura não tão longe daquilo que Portugal é hoje. Porém mais do que uma leitura nacionalista de um livro que foi desde sempre alvo de grande contestação e ambiguidade, com argumentos de fascista a visionário, o que esta exposição pretende é proporcionar uma reflexão sobre a nossa história, desde a criação da nação até ao mito de D. Sebastião, esse messias por quem ainda hoje o povo espera, indo para além dessa mesma história, porque como dizia Rimbaud “la vraie vie est ailleurs”. Que estes personagens históricos e místicos, que estes acontecimentos e lendas, que estas tormentas e acalmias, que estes símbolos e alegorias nos permitam compreender melhor o país e o mundo que somos, porque os construímos a cada dia. Mensagem relata viagens pelo horizonte, fala-nos de sonhos (“O sonho é ver as formas invisíveis”, diz Pessoa), revela-nos descobertas. Trata da vida, coberta de sal.

Tal como Mensagem, esta publicação encontra-se dividida

em três partes. A primeira é sobre o presente, apresentando a exposição “Grifo” com obras dos 7 artistas e o texto “O Ramo Partido” de José Manuel dos Santos. Aos artistas que participam nesta exposição foi-lhes dada, como não poderia deixar de ser, total liberdade de interpretação e de construção das suas próprias mensagens. Cada um, na sua expressão artística, concentrou a sua alma e pensamento nos aspectos que mais lhe interessavam, sejam estéticos ou políticos. Tal como são múltiplas as leituras da Mensagem, apresentamos, nesta publicação, as interpretações destes 7 artistas, que não devem ser entendidas como ilustrações, porque estão para além do texto, ainda que criadas a partir dele.

Na segunda recuperamos parte do passado da Galeria das Salgadeiras com uma entrevista de Ana Sousa Dias e um texto de Gonçalo M. Tavares a propósito da sua experiência como “galerista por um dia”. Recordamos todos os artistas que connosco já colaboraram, as parcerias desenvolvidas, os locais visitados nestas 99 exposições, em Portugal e no estrangeiro. Quis o destino, e não tendo ironia, antes graça, que a exposição inaugural no novo espaço fosse a exposição nº 100, sublinhando ainda mais a nova fase que se avizinha.

Terminamos, na terceira parte, com um conjunto de páginas em branco onde vos convidamos a contar

o futuro da Galeria das Salgadeiras que é construído convosco. À laia de epílogo, reiteramos o nosso compromisso, assumido desde a primeira hora: “A arte é um bem público”.

A todos e a cada um dos artistas, colaboradores, voluntários, visitantes, Amigos das Salgadeiras, compradores e colecionadores, parceiros, um imenso obrigada.

¹ “Mens Agitat Molem” significa em latim “A mente comanda o corpo”. Jogo de palavras que Fernando Pessoa escreveu e que está presente na edição de “Mensagem” da Relógio d’Água (2013).

O QUE SOMOS

“o sonho é ver as formas invisíveis”

Fernando Pessoa, *in* Mensagem

O RAMO PARTIDO

José Manuel dos Santos

Donc le poète est vraiment voleur de feu.
Arthur Rimbaud

Triste de quem é feliz!
(...)
Ser descontente é ser homem.
Fernando Pessoa

Diz-se, do artista moderno, que é Prometeu (aquele que rouba o fogo dos deuses), Sísifo (aquele que, incessante, carrega a pedra até ao cimo da montanha) e Ulisses (aquele que, depois da guerra, regressa à Pátria numa longa viagem de perigos e prodígios). Ao ser estes todos e mais alguns, o artista é também D. Sebastião, pois o rei que partiu e fez da areia onde se perdeu o nevoeiro do seu regresso é Prometeu, Sísifo e Ulisses - os três num só.

De que guerra, de que batalha, de que expedição, de que desastre, de que delírio, de que fé, de que insónia, é o artista moderno o transfigurado D. Sebastião? É-o de um Alcácer Quibir travado no seu deserto interior de que a obra é o regresso impossível a uma Pátria perdida: “Louco, sim, louco, porque quis grandeza/ Qual a sorte a não dá./ Não coube em mim minha certeza; / Por isso onde o areal está/ Ficou meu ser que houve, não o que há// Minha loucura, outros que me a tomem/ Com o que nela ia./ Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?”

Fernando Pessoa, Bandarra do seu Quinto Império poético (“Este, cujo

coração foi / Não português, mas Portugal”) e Vieira do seu céu verbal (Imperador da língua portuguesa / Foi-nos um céu também.”), soube sempre isso e fez de “Mensagem” um livro sobre Portugal e sobre si mesmo-outro (“Je est un autre”, diz Rimbaud; “Viver é ser outro”, diz Pessoa). Os mitos, os heróis e os fantasmas de “Mensagem” são heterónimos de Portugal e Pessoa é, deles, o ortónimo.

Sendo isto tudo, “Mensagem” também é um grande livro sobre o tempo. Nela, o tempo é o mar que se atravessa para chegar ao longe (“E outra vez conquistemos a Distância – / Do mar ou outra, mas que seja nossa!”). Nela, o tempo é o céu que se olha para ver o invisível e para descobrir o encoberto. Nela, o tempo é a realidade que sonha o sonho da realidade.

Em “Mensagem”, o tempo do mundo e o tempo da arte rodam como os dois ponteiros, o das horas e o dos minutos, no mostrador de um relógio: só ao meio-dia e à meia-noite coincidem nesse ângulo nulo do destino. Por isso, “Mensagem” é um livro simultaneamente do tempo próprio e do tempo alheio, do tempo dela e do tempo nosso, do tempo perdido e do tempo achado, do tempo de todos e de todos os tempos. É por isso que “Mensagem” é um livro contemporâneo e profético.

Paradoxo?! Oxímoro?!
Contemporâneo e profético, sim!
Na lição inaugural de um seminário, a que deu o título de “O Que É o

Contemporâneo?”, o filósofo italiano Giorgio Agamben esclarece isso muito bem: “Aquele que pertence de veras ao seu tempo, que é de veras contemporâneo é alguém que não coincide perfeitamente com ele nem se adapta às suas exigências e é por isso, nesse sentido, inactual; mas precisamente por isso, precisamente através do seu distanciamento e do seu anacronismo, é capaz de perceber e captar o seu tempo melhor do que os outros (...). A contemporaneidade é, assim, uma relação singular com o nosso próprio tempo, que a ele adere e dele se distancia em simultâneo; mais precisamente, é essa relação com o tempo que a ele adere através de um desfazamento e de um anacronismo. Os que coincidem demasiado plenamente com a época, que condizem em todos os pontos perfeitamente com ela, não são contemporâneos, porque precisamente por isso, não conseguem vê-la, não podem fixar o olhar sobre ela”. Nessa lição, Agamben parece que é do Pessoa e da sua “Mensagem” que fala, quando diz: “Nada mais exemplar, nesse sentido, do que o gesto de Paulo [de Tarso], no ponto em que experimenta e anuncia aos seus irmãos essa contemporaneidade por excelência que é o tempo messiânico, o serem contemporâneos do messias, a que chama precisamente o “tempo-de-agora” (ho nyn kairos) (...)// O que significa que o contemporâneo não é somente aquele que, percebendo o escuro do presente, capta a sua luz

invendável; é também alguém que, dividindo e interpolando o tempo, está em condições de o transformar e de o pôr em relação com os outros tempos, de ler de modo inédito a sua história, de a “citar” segundo uma necessidade que não provém de modo algum do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se essa indivisível luz que é o escuro do presente projectasse a sua sombra sobre o passado e este, tocado por esse feixe de sombra, adquirisse capacidade de responder às trevas da hora”. (Diz Pessoa no fim de “Mensagem”: “(..) Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer- / Brilho sem luz e sem arder,/ Como o que o fogo-fátuo encerra. (...) Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../ É a Hora!”) E Agamben conclui: “É da nossa capacidade de darmos ouvidos a essa exigência e a essa sombra, de sermos contemporâneos não só do nosso século e do “agora”, mas também das suas figuras nos textos e documentos do passado, que dependerão o êxito ou o insucesso do nosso seminário...”

Ao escolher “Mensagem” como ponto de partida apontada ao ponto de chegada, que é a exposição colectiva “Grifo”, a Galeria das Salgadeiras faz os seus onze anos de vida e muda de casa como quem procura o “futuro do passado” – para se refazer, se renovar, se repor, com o impulso inicial. Aqui, está, e sente-se, a vontade, tão de ferro como uma lança, de Ana Saramago Matos (tem a quem sair!...).

A escolha de “Mensagem”, que dá aos sete artistas da exposição “Grifo” o fio que usam no labirinto de cada obra sua, resume, mais do que muitos pensam, algumas das questões que o nosso tempo põe a si mesmo: a aura que se torna vestígio, o desvio do sentido, a imagem da palavra, a voz da imagem, o tempo do tempo. As obras agora apresentadas “lêem” “Mensagem” e são “lidas” por ela, num jogo especular de signos e sinais visuais. Na proliferação das suas expressões artísticas, os artistas dizem-nos que o Encoberto é o Desejado. Eu oiço-os e, com “Mensagem” na mão, digo:

*Aquele que no escuro
olha a lua
e vê nela
o sol que virá
é aquele que
marca os ossos dos
pés
na terra onde o tempo
é um verme que se
esconde
para se fazer outro
Esse é também
aquele que
no pássaro parado
sobre o ramo
partido
da árvore
vê o seu voo
no vômito
do vento
Aquele é esse que*

*tem a mão suja
do pó
que fica na
nuca
quando passa
por ela
o gesto que guarda
um segredo
Esse é
aquele que olha
o espelho morto
da noite
Vê nele o seu rosto
de carvão
como se visse um rosto
separado do seu
e diz dele:
Não o conheço!*

Eu digo com esse que diz o que diz – e faço do seu dizer uma lança e um elmo, um aviso e um símbolo, uma coroa e um brasão. Com eles, caminho no sentido da vida e encontro-a na arte que a cerca, que a sitia, que a assalta.

CLÁUDIO GARRUDO

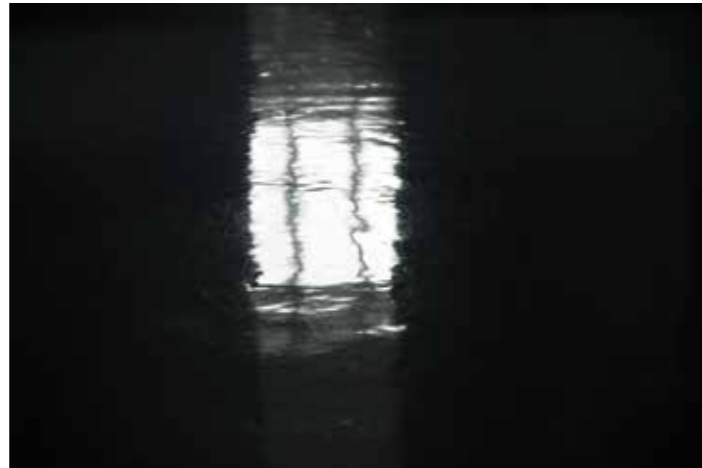
Trindade

53.6 x 80 cm / 53.6 x 240 cm

2014

Edição de 3 (+ 1 PA)

Fotografia: *Inkjet Print Ultrachrome K3 s/ Epson Traditional Photo Paper*



HELENA GONÇALVES

Split

57 x 70 cm

2014

Edição de 3 (+ 1 PA)

Fotografia: *Inkjet Print Ultrachrome K3 s/ Epson Fine Art Hot Press Bright Paper*



JAIME VASCONCELOS

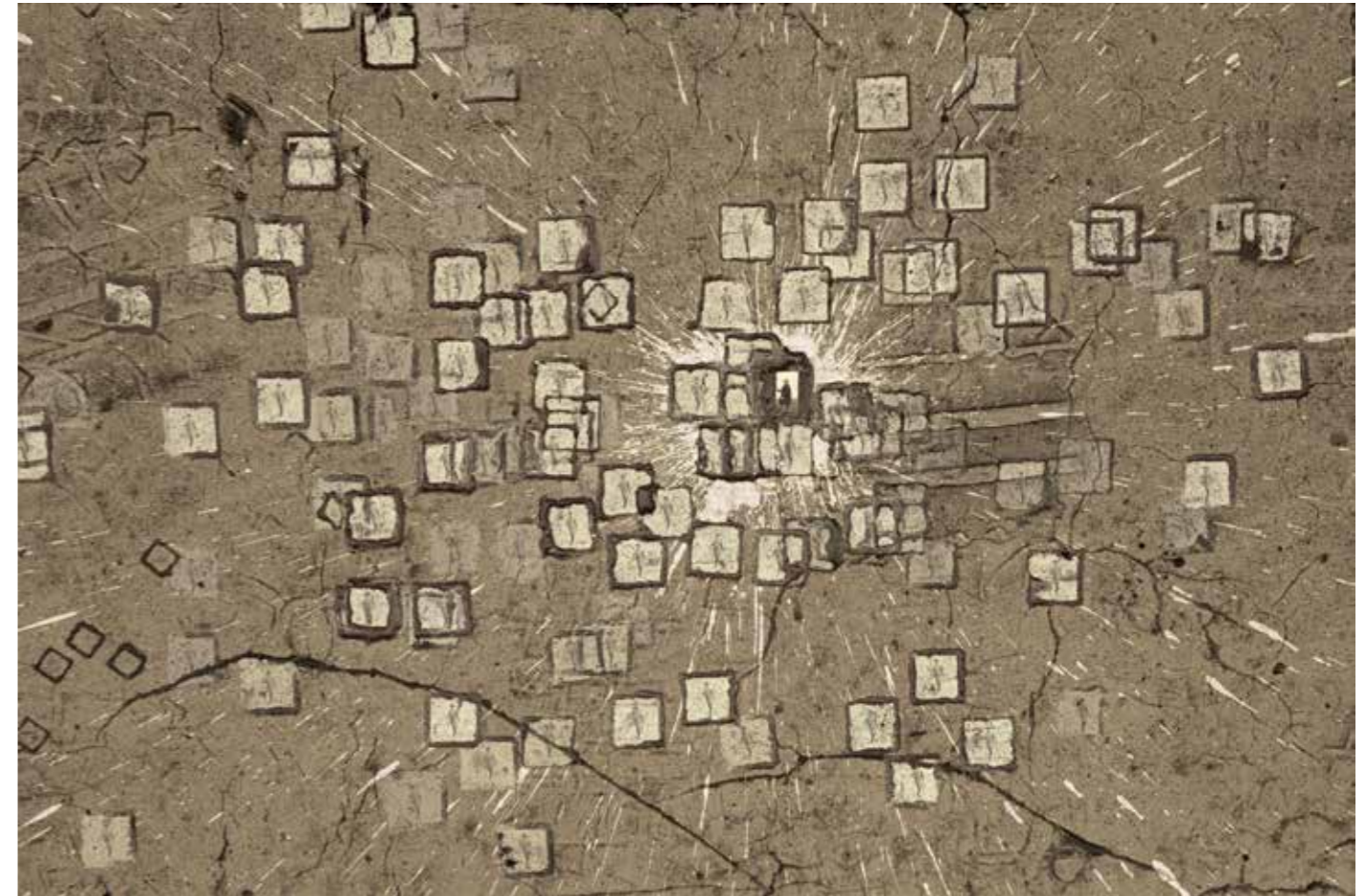
O Encoberto

59 x 88 cm / 84 x 112 cm

2014

Edição de 3 (+ 1 PA)

Composição Digital: *Inkjet Print Ultrachrome K3 s/ Epson Ultra Smooth Fine Art Photo Paper*



JOANNA LATKA

Intervalo

100 x 70 cm

2010

Desenho: Tinta da china s/ papel



MARTA UBACH

Vigília

150 x 100 cm

2014

Desenho: Acrílico s/ tela



PAULIANA VALENTE PIMENTEL

“A outra asa do Grifo”

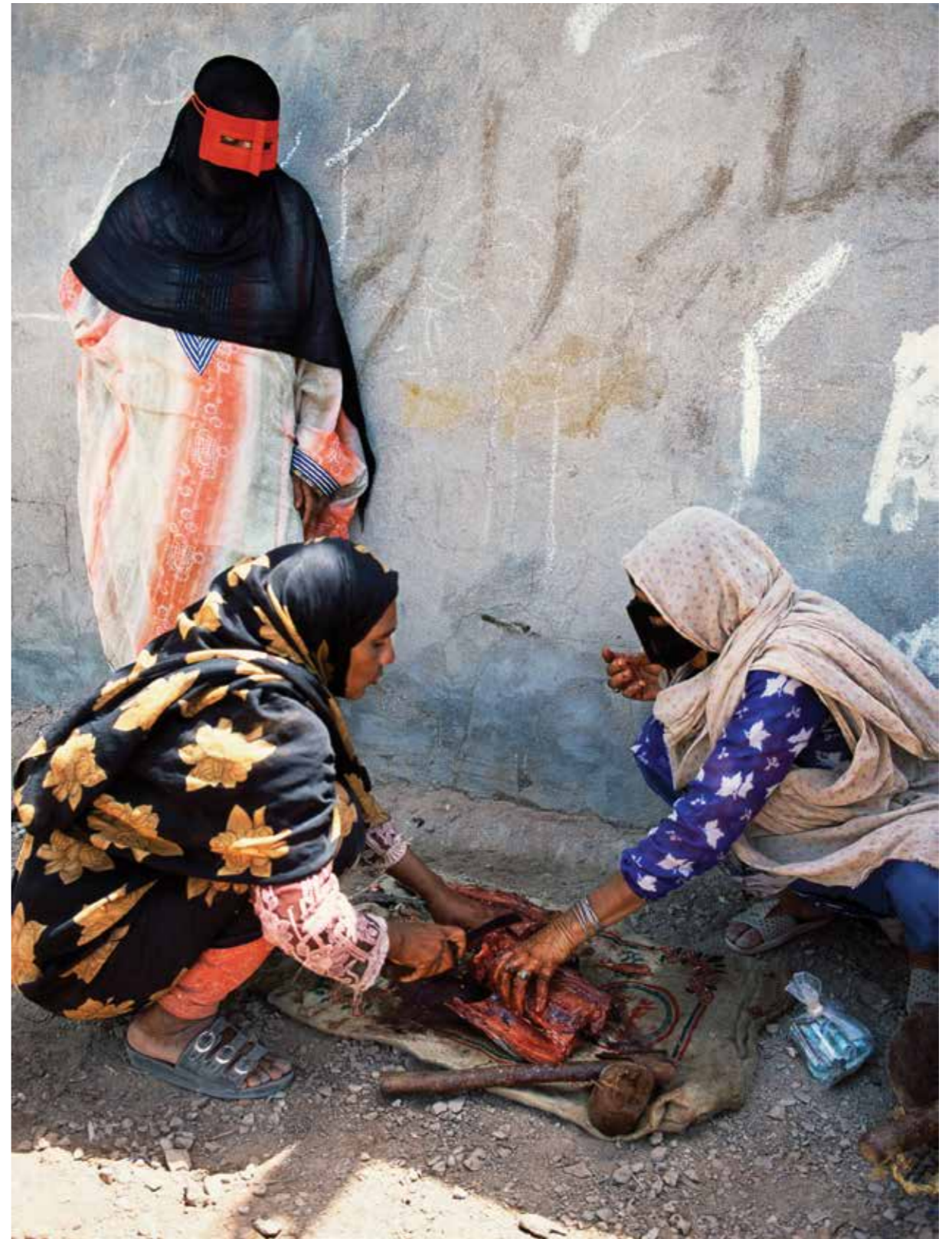
[Local: Ormuz, Irão]

75 x 100 cm

2014 [Data da Prova]

Edição de 2 (+ 1 PA)

Fotografia: Inkjet Epson Ultrachrome K3 s/ Epson Luster Photo Paper



TERESA GONÇALVES LOBO

Mensagem da Alma

190 x 140 cm

2014

Desenho: Pastel seco s/ papel



BIOGRAFIAS

CLÁUDIO GARRUDO

Lisboa, 1976.

Fotógrafo e produtor

Já expôs em Portugal, Espanha, República Checa, Eslováquia e Roménia e publicou 4 livros. É organizador do evento “Bairro das Artes”, co-fundador da Associação de arte contemporânea “Isto não é um cachimbo” e co-fundador da marca “I Love Bairro Alto”. Representado pela Galeria das Salgadeiras desde 2008.

Exposições individuais:

2014 “Quintetos”, Galeria das Salgadeiras
2013 “Borderline and the self”, H’art Gallery, *Bucharest, ROMÉNIA*
2013 “Vénus”, Galeria Municipal de *Montemor-o-Novo*
2012 “Vénus”, Galeria das Salgadeiras
2011 “Um instante decidido”, Espaço Old Town, *Funchal*
2010 “Borderline”, Chemistry Gallery, *Prague, CZECH REPUBLIC*
2010 “Borderline”, Galeria das Salgadeiras
2009 “Un instante decidido”, Hay Festival Alhambra, Biblioteca de Andalucia, *Granada, ESPANHA*
2008 “Empty beds”, Galeria das Salgadeiras
2007 “10.37pm”, Central European House of Photography, *Bratislava, SLOVAKIA*
2006 “Paralelo, Lado A_Lado B”, Galeria Iosephus, *Lisboa*

HELENA GONÇALVES

Portimão, 1978.

Vive e trabalha em Lisboa.

2000-2002 Curso Básico de Fotografia.

Ar.Co, Lisboa.

2004 Curso Avançado de Fotografia Ar.Co, Lisboa.

Co-Fundadora da Black Box Atelier, com Álvaro Teixeira, em 2014.

Professora de Fotografia no Ar.Co desde

2005 Representada na Fundação EDP, Fundação José Saramago e em diversas colecções privadas.

Representada pela Galeria das Salgadeiras desde 2003.

Exposições individuais: (selecção)

2014 “Espaço Ginjal”. Galeria das Salgadeiras.
2012 “Monchique”. Galeria FotoGrafic . Praga.
2010 / 2011 “11.09.10”, curadoria Ana Matos. Espaço Ginjal. Almada / Museu de Arte Contemporânea. Funchal.

2008 “Dia-Noite”. Galeria das Salgadeiras.

2006 “Monchique”. Centro Cultural do Cartaxo.

2006 “Fogo e Água”. Província de Granada.

2005 “Céu e Água”. Galeria das Salgadeiras.

2003 “Dança”. Galeria das Salgadeiras.

2010 e 2009 Finalista. “Emergentes DST”. Braga.

2006 Finalista (Fotografia). Bial Jovens Criadores. Itália.

JAIME VASCONCELOS

Lisboa, 1969.

Vive e trabalha em Lisboa. Entre 2000 e 2002 frequentou o Curso Básico de Fotografia no Ar.Co.

Representado em diversas colecções privadas. Representado pela Galeria das Salgadeiras desde 2003.

Já expôs individual e colectivamente por diversas vezes em Portugal e em Espanha.

Exposições individuais:

2013 “Revoluções”. Galeria das Salgadeiras.

2011 “Por Mar”. Galeria das Salgadeiras.

2011 “Um instante decidido”, curadoria Ana Matos. Old Town - Hotel Porto de Santa Maria. *Funchal*.

2009 “De Passagem”. Galeria das Salgadeiras.

2009 “Um instante decidido”. Alhambra Hay

Festival, curadoria Ana Matos. Biblioteca da Andaluzia. *Granada*.

2007 “Viagens”. Centro Cultural do Cartaxo.

2007 “Viagens”. Galeria das Salgadeiras.

2005 “São Sebastião da Pedreira” – Marta Ubach e Jaime Vasconcelos, Pintura s/ Fotografia. Galeria das Salgadeiras.

2004 “Fora de Tempo”. Galeria das Salgadeiras.

JOANNA LATKA

Cracóvia, Polónia, 1978.

Vive e trabalha em Lisboa.

Actualmente, encontra-se a tirar o

Doutoramento no departamento de História de Arte na Universidade de Lisboa.

Em termos artísticos, explora as gravuras, ilustrações e desenhos a tinta-da-china, incorporando variações baseadas nas técnicas de desenho e ilustração contemporâneas.

Representada pela Galeria das Salgadeiras desde 2007.

Está representada em várias colecções públicas e privadas.

Conta com 21 exposições individuais e cerca de 33 colectivas, em espaços tão diversos como a Galeria das Salgadeiras, o Lagar de Azeite (*Oeiras*), Mosteiro de São Martinho de Tibães (*Braga*), o Centro Cultural de Cartaxo, o Centro de Arte Moderna Solvay (*Cracóvia*), Internacional Print Network Horst-Janssen-Museum (*Alemanha*), 9ª Internacional Bienal “Livres à Voir 9” (*França*), 5ª Exposição Internacional de Livros de Artista (*Hungria*).

MARTA UBACH

Vive e trabalha em Lisboa. Desde 1995, docente de Expressão Plástica no Colégio Académico, em Lisboa.

Colabora com a Galeria das Salgadeiras

desde 2003.

Em 1992 conclui o Bacharelato em Design Gráfico no IADE. Em 1994, frequentou o Curso de Pintura da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Entre 1995 e 1998 frequentou o Curso de Teoria e Prática de Pintura no Atelier Artilimitada.

Exposições individuais:

2009 “Pinturas de Bolso”. Galeria das Salgadeiras

2007 “Em papel”. Galeria das Salgadeiras

2005 “A quatro mãos”, em parceria com São Nunes. Galeria Alberto Sarmiento. *Lisboa*

2005 “São Sebastião da Pedreira” Galeria das Salgadeiras

2004 “Viagem Sentimental”. Galeria do Príncipe Real. *Lisboa*

2003 “Magenta”. Galeria das Salgadeiras

2002 “Açorianos”. C. M. de Ponta Delgada, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. *Açores*

2001 “14 x 14”. Galeria Pedro Sem. Lisboa

2000 “Recenseamento”. Galeria Artkonstant. *Lisboa*

1998 “Marta Ubach”. Galeria Artkonstant. *Lisboa*

PAULIANA VALENTE PIMENTEL

Lisboa, 1975.

Vive em Lisboa e trabalha entre vários países.

Como fotógrafa freelancer, faz trabalhos de fotoreportagem desde 1999 para diversos jornais e revistas portuguesas e estrangeiras, bem como exposições individuais e colectivas. Participou no curso de fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pertenceu ao colectivo [Kameraphoto] desde 2006 até à sua extinção em 2014. Para além de livros colectivos, publicou o seu primeiro livro de autor ‘VOL I’, pela editora Pierre von

Kleist e ‘Caucase, Souvenirs de Voyage’, pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2011. Realizou também vídeos/filmes: “Diz-se que Portugal é um bom país para se viver”, 40 min, *Portugal* 2011; “Jovens de Atenas / Youth of Athens”, 13 min. *Athens*, 2012 e “Entre Nous”, 51 min. Portugal, *França*, 2014. Colaborou com a Galeria 3+1 Arte Contemporânea durante cinco anos.

Representada pela Galeria das Salgadeiras desde 2011.

Parte da sua obra pertence a colecionadores privados e institucionais.

TERESA GONÇALVES LOBO

Madeira, 1968.

Vive e trabalha em Lisboa.

Curso de Desenho, Curso de Pintura e Atelier de Gravura, Ar.Co, Curso de Técnicas Fotográficas do Cenjor,

Exposições individuais: (selecção)

2014 “Leve Linha”. Galeria das Salgadeiras

2014 “Desenho”. Galeria do Centro das Artes Casa das Mudanças. *Calheta*

2013 “Para além de...”. Travessa da Ermida. *Lisboa*

2013 “i em pessoa”. Museu de Artes Decorativas Portuguesas / Fund. Ricardo Espírito Santo Silva. *Lisboa*.

2012 “dei por mim a brincar...”. Museu da Água. *Coimbra*

2011 “Seguindo o traço”. Centro Cultural de Cascais

2010 “Zeichnungen” “Die Verlangsamung”, Landesgalerie, *Linz. Áustria*

2009 “Zeichnungen”. Instituto Cultural Francês de *Viena*

2008 “Rios d’Alma”. Museu da Água. *Coimbra*

2008 “Percursos”. Galeria do Centro das Artes Casa das Mudanças. *Calheta*

2007 Finalista XII Prémio de Grabado

Contemporâneo de la Dirección

General de la Mujer. *Madrid*
2007 Salón Intern. del Grabado y Ediciones de Arte Contemporáneo. *Madrid*
2005/07 Gravuras para Pestana Casino Park Hotel, única obra em Portugal do Arq. Oscar Niemeyer
2004 “Presenças”. Centro de Congressos de Porto Santo

ANAMATOS

Lisboa, 1972.

Galerista e curadora.

Vive e trabalha em Lisboa. Fundadora e directora da Galeria das Salgadeiras fundada a 4 de Julho de 2003. Mestre em Estudos Curatoriais na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, com a dissertação intitulada “Que galeria para o século XXI? – Uma possível reflexão”, com orientação da professora Bárbara Coutinho e co-orientação do professor José António Fernandes Dias. Curadora da Fundação José Saramago. Co-fundadora e organizadora do “Bairro das Artes”. Co-fundadora da “Isto não é um cachimbo. Associação”.

Formou-se em Engenharia Informática pelo Instituto Superior Técnico em 1995 e, nos anos seguintes, exerceu essa actividade a tempo inteiro.

Desde 2003, com a Galeria das Salgadeiras e como curadora, realizou cerca de 100 exposições, um terço das quais “fora de portas” em parcerias nacionais e internacionais (Espanha, Grécia, República Checa e Roménia), com museus, centros culturais e galerias privadas.

O QUE FOMOS

“Valeu a pena? Tudo vale a pena / se a alma não é pequena”

Fernando Pessoa, *in Mensagem*

NOVA CASA, A MESMA VONTADE

Ana Sousa Dias

No momento em que muda a Galeria das Salgadeiras para novas e mais amplas instalações na rua da Atalaia, Ana Matos fala dos onze anos e meio de experiência e aprendizagem que a levaram de engenheira informática e amante das artes até um lugar de galerista e curadora de arte contemporânea. A galeria, para ela, é muito mais do que um lugar onde se expõe e vende arte, é um lugar de crescimento e encontro de pessoas que têm muito em comum. A pintora e gravadora Ilda Reis, avó materna, surge como a grande inspiradora deste caminho que já se aventura por outros países e que se encaminha para a participação em feiras. O avô materno, José Saramago, também está nos desta história, com o verbo “blimundar” a resumir o que Ana quer fazer: recolher vontades para conseguir levantar voo.

[ANA SOUSA DIAS] **O que é que deu na cabeça a uma engenheira informática para entrar no mundo das artes?**

[ANA MATOS] O mundo das artes já tinha entrado em mim desde pequenina. Primeiro através da minha avó – Ilda Reis – com quem eu passava muito tempo porque os meus pais tinham grande atividade política. Essa foi uma altura de grande produção artística dela, nos anos 1970 e 1980 trabalhou muito em gravura e eu acompanhava-a muitas vezes à cooperativa Gravura. E íamos ver muitas exposições. Depois fui viver para a Madeira, e quando vinha cá fazíamos sempre um périplo pela cidade. Num verão, quando eu tinha dez anos, fomos ver os museus todos de Lisboa e o primeiro sítio foi a Casa dos Bicos. Mal sabia eu que muitos anos depois iria para lá trabalhar...

[ASD] **Na Fundação José Saramago, a fundação do teu avô.**

[AM] Exato. Na minha adolescência, o meu pai abriu a Funchália, uma galeria de arte no Funchal, com um grupo de amigos. Nessa altura tomei contato com artistas, inaugurações, preparação de exposições. Era uma coisa amadora, no duplo sentido da palavra. Formei-me em engenharia informática no Instituto Superior Técnico, comecei a trabalhar em 1996 e estive um ano a fazer mestrado. Mas tinha a ideia romântica de ter uma coisa minha, um negócio próprio. Pensava que lá para os 40 anos talvez pudesse ter uma galeria. Para ganhar formação, fiz alguns cursos de história de arte na Sociedade Nacional de Belas Artes e no Ar.Co. Depois a vida pregou-me uma partida e abri a galeria

quando tinha 31 anos. Em março de 2003, vinha a subir a rua das Salgadeiras e vi uma bandeirola de uma galeria para trespasse. A empresa onde trabalhei até 2002 tinha feito *downsizing* e grande parte das pessoas foram despedidas. Pus o meu lugar à disposição, saí e tive direito a uma indemnização.

[ASD] **Era o momento certo, então?**

[AM] Telefonei a perguntar informações e, por coincidência, o valor do trespasse era o mesmo da minha indemnização. Achei que era um sinal. Lembro-me perfeitamente de que ia a caminho do cabeleireiro e combinámos para ir ver o espaço. A decisão de abrir uma galeria foi muito rápida. Fiz o contrato no dia 1 de abril, o dia das mentiras, e abri a galeria a 4 de julho.

[ASD] **Com uma exposição de quem?**

[AM] Nessa altura fiz uma pequena retrospectiva de gravuras da minha avó. Simbolicamente era o que fazia sentido para mim. Ela não pôde assistir, nem sequer desconfiar da minha tendência para as artes e para ter uma galeria, porque quando ela faleceu em 1998 eu estava focada na minha vida como engenheira informática. Mas foi a maneira que encontrei de ela estar perto de mim naquele momento.

[ASD] **Nunca tiveste tendência para pintar?**

[AM] Os trabalhos manuais eram sempre a minha pior nota na escola. Sempre fui boa aluna mas em trabalhos manuais era uma completa desgraça. A única negativa que tive na vida foi um 2 em trabalhos oficiais, a fazer - ironia do

destino - uma moldura. Realmente a vida dá tantas voltas... Eram umas molduras em cobre, uma coisa horrorosa.

[ASD] **Abriste então a Galeria das Salgadeiras em julho de 2003, muito rapidamente.**

[AM] Isto surgiu de uma forma quase espontânea. A decisão de abrir foi muito rápida. Sem saber nada, num mês decidi, falei com o meu pai e com a Arlete Alves da Silva da Galeria 111, a minha grande referência e que conhecia há muitos anos. E falei com o Guilherme Parente, um artista por quem tenho uma grande estima. Achei que tinha de falar com um artista para perceber. Em certa medida, a Arlete é a madrinha e o Guilherme é o padrinho deste projeto. Além de os respeitar imenso do ponto de vista profissional tenho por eles um grande carinho. Eles têm acompanhado o desenrolar da galeria.

[ASD] **Guilherme Parente tornou-se artista da galeria?**

[AM] Quando abrimos, eu tinha um conjunto muito pequeno de artistas, porque tudo foi muito rápido. Foram aparecendo uns que traziam outros, alguns por recomendação. Nos primeiros anos, eu tinha a ideia de, ano sim ano não, convidar um artista consagrado para expor. O Guilherme foi o primeiro. O meu primeiro quadro é dele, os meus pais ofereceram-mo quando tinha 16 anos, numa exposição da Funchália. É amigo dos meus pais e muito amigo da minha avó. Ficámos mais próximos, comecei a ir mais vezes ao ateliê e convidei-o para

expor. O Guilherme é uma espécie de avô de estimação e tem acompanhado o processo de mudança da galeria, passa na obra todas as semanas, liga-me a perguntar como está a correr. Cheio de energia, é uma pessoa extraordinária.

Em 2004 ele fez aqui uma exposição de óleo sobre tela que se chamava “Era muitas vezes o sonho” que remetia para o meu projeto. Quando abri a galeria, o texto que escrevi começava com a frase “Era uma vez o sonho” e fiz uma paráfrase para a exposição do Guilherme.

[ASD] **Fazes exposições de nomes consagrados de dois em dois anos, de facto?**

[AM] Fiz isso durante algum tempo. Os outros dois, com grande pena minha, já faleceram – o Rogério Ribeiro e o David de Almeida. Quis sempre criar um contacto intergeracional e de formas diferentes de abordar a arte. Não estava a conseguir que isso fosse eficaz e acabei por deixar em *stand by*. Mas quero retomar essa ideia de fazer uma exposição com dois artistas – um mais reconhecido e outro mais emergente – para criar esse diálogo.

[ASD] **Isso torna-se possível na nova galeria, bastante maior?**

[AM] Penso que sim. E também por crescimento e maturidade da minha parte. Quando abri a galeria não sabia nada disto, foi tudo aprendido por mim, pela experiência, houve coisas que correram bem e outras que correram mal. Em quase 100 exposições que fiz, não só neste sítio mas fora, não posso dizer que todas correram bem. Fui percebendo

o que funciona numa exposição e sobretudo a relação com os artistas, que é muito particular e exige sensibilidade. Costumo dizer que é como se eu casasse seis ou sete vezes por ano. Em cada exposição há uma relação tão próxima, tão íntima e tão intensa com o artista... No dia da inauguração, quase me apetece fugir. Não é que esteja farta do artista, mas o processo é todo muito intenso para cada um de nós, vem muita coisa ao de cima, tem muito a ver com as relações pessoais. Cada vez mais acredito que tem de haver uma certa sintonia, uma harmonia entre o que eu quero como galerista e o que os artistas querem. Se não há, não funciona. E isso reflete-se na exposição e na montagem, fica lá algures, é uma energia que se sente.

[ASD] **Provavelmente isso só tu e o artista percebem, para o público pode não ser perceptível.**

[AM] Acho que é visível mas se calhar não transparece.

[ASD] **Como escolhes os artistas para a galeria?**

[AM] Primeiro, tem de haver um interesse do ponto de vista estético e artístico. Nunca escolho um artista por um trabalho, por um contacto, ou pelo portfolio. Ao longo de um ano vai havendo uma espécie de namoro. Vou ao ateliê várias vezes, acompanho outros trabalhos ou outras exposições dele, vejo trabalhos que não gosta de mostrar. Um artista faz o portfolio com aquilo de que mais gosta e com que se identifica. Gosto

de ver o que está escondido. E esse processo de conhecimento demora. Depois há a questão de natureza emocional, a empatia, tem que haver um entendimento de perspetivas de vida. Eu não estou aqui só a pregar um prego e a vender como se fosse um catálogo La Redoute. Não é a forma de expressão artística que me interessa, interessa-me muito mais o trabalho do artista e a relação que posso vir a estabelecer com ele. Ultimamente, tem vindo a interessar-me muito aquilo que será – há muitos teóricos que o afirmam – uma tendência do século XXI. Até ao século XX, as disciplinas estavam muito segmentadas e compartimentadas. Interessa-me muito quando se fundem, quando a fotografia se mistura com pintura, por exemplo. Gosto de ter uma exposição que é ela própria uma instalação.

[ASD] **Como é a exposição com que vais abrir a nova galeria?**

[AM] É uma exposição simbólica, também. Sou muito dada aos simbolismos e tenho um lema, que vim a descobrir que o meu avô também referia, que é “pôr tudo o que sou no mínimo que faço”, de Fernando Pessoa. Custa muito, às vezes sofre-se bastante, mas dá-me muito alento. Onze anos e meio depois de começar, queria que o novo espaço fosse um reflexo do trabalho desenvolvido. Convidei todos os artistas residentes a desenvolver obras inéditas para a exposição. É uma forma de lhes prestar homenagem, um reconhecimento

público, mas eu queria mostrar também o nosso trabalho de conjunto, de reunir várias vontades para um fim comum: o sucesso da galeria, que será o sucesso de cada um deles. Uma noite estava a ver as notícias no iPhone e aparece-me a frase “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Foi uma espécie de revelação, uma lucidez, e até às quatro e tal da manhã pus-me a investigar a obra do Fernando Pessoa. A minha geração não deu a “Mensagem” na escola e eu nunca a tinha lido toda. Li-a naquela noite e pensei que era aquilo mesmo que queria. Gosto muito de trabalhar com escritores, com literatura e com livros, já o tinha feito quando convidei o Gonçalo M. Tavares para ser “galerista por um dia”, mais um cruzamento de várias disciplinas. A “Mensagem” fala de uma viagem, de um sonho, de uma descoberta, e eu achei que tudo isso tinha a ver som esta segunda fase e era isso que eu gostava que a exposição transmitisse. Cada artista fez uma interpretação muito própria e livre, e nem todos falam da perspetiva da viagem.

[ASD] **Como escolheste o título da exposição?**

[AM] Não se vai chamar “Mensagem”, que era a forma mais simples, porque não quis colá-la a uma ilustração do livro. São trabalhos feitos a partir de, não sobre ou para a “Mensagem”. Andei aí à volta, ainda pensei no “Deus sonha, o homem quer, a obra nasce”, mas sendo agnóstica e ateia e não acreditando em religiões, podia parecer estranho, embora seja essa a frase que é o leitmotiv de tudo.

Encontrei o Grifo, o bicho que tem cabeça de águia e corpo de leão, o rei e a rainha dos animais. Grifo também quer dizer enigma, e há um enigma em torno da razão por que Fernando Pessoa fez aquele livro, o único publicado em vida. Gostei do lado simbólico, das dimensões terrestre e celestial que este animal mítico inspira. Queria que o título estivesse associado, ainda que de forma subtil, à “Mensagem”.

E Fernando Pessoa, no capítulo em que descreve o brasão, substitui a serpente pelo grifo, que aliás aparece na primeira edição da “Mensagem”.

[ASD] **Quantos artistas residentes tens neste momento?**

[AM] Oito: Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Ilda Reis, Jaime Vasconcelos, Joana Latka, Marta Ubach, Pauliana Valente Pimentel e Teresa Gonçalves Lobo.

[ASD] **O Guilherme Parente não é?**

[AM] Ele já fez duas exposições connosco, colabora imenso, mas é daquela geração que não quer ter galeria fixa, quer ter a sua liberdade. Mas já trabalhei com ele, até fora da galeria.

[ASD] **E não vai participar nesta exposição?**

[AM] Vai participar de uma forma emocional, mas nesta exposição o simbolismo tinha de ser outro.

[ASD] **As exposições que tens organizado fora e também no estrangeiro levaram-te a perceber aspetos que não tinhas percebido aqui?**

[AM] É muito diferente preparar uma exposição fora da galeria. Começámos a fazê-lo por necessidade, porque

o espaço é pequeno e não tinha capacidade para acolher exposições de grandes dimensões. A necessidade aguçou o engenho, neste caso. A experiência tornou-se recompensadora e enriquecedora. Normalmente fazemos exposições em instituições, galerias ou museus, e é interessante chegar a um espaço que não é o nosso, com outras formas de trabalhar, outros procedimentos, outras regras, até do ponto de vista humano.

Já trabalhámos em Espanha, na República Checa, na Roménia e na Grécia, e é muito curioso ver a reação do público, é uma grande lição. Por muito que o mundo seja global, felizmente somos todos diferentes. As pessoas reagem melhor ou pior, mas têm outras experiências, outros hábitos, outra cultura, e isso também nos enriquece, não só a mim enquanto galerista mas também aos artistas, que têm contacto com outras sensibilidades. É um caminho que queremos prosseguir. No próximo ano vamos voltar a colaborar com a galeria romena, que vai voltar a trazer o Gili Mocanu, um artista que esteve cá no ano passado, e nós vamos levar lá exposições de fotografia do Jaime Vasconcelos e do Cláudio Garrudo na primavera.

Esta colaboração é sempre pensada como uma relação de continuidade. Não será todos os anos, porque não tenho disponibilidade mental, nem física nem financeira para isso. Tivemos alguns apoios da Fundação Gulbenkian e do Instituto Camões, mas é muito difícil

apoiar exposições fora do país. Mas ter esta relação é meio caminho andado para, provavelmente em 2016, pensar em ir para uma feira.

Ir a uma feira sem conhecer ninguém localmente, sem ter um contacto com um curador, com artistas ou um galerista é um gasto imenso. De uma forma geral sempre se vende, porque as feiras de arte, de acordo com os últimos relatórios, são o que está a sustentar o sistema e o mercado da arte.

[ASD] **Ser galerista e curadora é o que queres fazer na vida?**

[AM] Sim, é. Ser galerista, ter uma ou duas vezes por ano um trabalho de curadoria. Faço esta distinção embora na maioria das vezes, no meu caso, os dois papéis estejam fundidos porque do meu lado há sempre um acompanhamento da exposição, discussão, seleção das obras. A escrita dos textos das folhas de sala é normalmente feita por mim, a não ser que se convide uma pessoa para o fazer.

Há um trabalho de crescimento intelectual e artístico de que faço questão. Por muito que às vezes seja difícil conciliar tudo, eu quero prosseguir porque isso é que faz sentido. Um galerista não está só a fazer contas, a pregar o prego, a gerir o planeamento. Esse trabalho de proximidade com os artistas é uma aposta de ambas as partes.

Também me interessa muito fazer projetos que envolvam questões mais políticas e sociais. Esses não são projetos tão vendáveis, ou serão vendáveis porque a questão

da viabilidade económica não se pode descurar, mas são projetos comprados por grandes instituições ou colecionadores, e todos sabemos como está neste momento a situação em Portugal. Ou então são trabalhos que têm de ser assumidamente feitos com apoios de instituições porque têm perspetivas não comerciais. Reflexões sobre o estado do mundo, sobre problemas com que deparamos, ambientais, direitos humanos, questões políticas. Tenho conseguido fazer isso, não com a regularidade que queria mas pelo menos uma vez por ano faço vou buscar essa “função” que a arte pode ter como um veículo político e de reflexão sobre o mundo.

[ASD] **Mudaste de espaço só para teres uma área maior?**

[AM] O espaço é bastante maior, vai permitir ter uma zona de acervo maior e em melhores condições, e ter uma zona de trabalho que não tinha. Mas sem dúvida vai ser uma segunda fase da galeria. Passados estes onze anos e meio, olho para trás e para tudo o que isto significou de trabalho – sou muito autocrítica e é uma coisa que fazemos com alguma regularidade na galeria, reuniões para discutirmos coisas que estão bem e outras que estão mal, o que se pode melhorar... Neste momento, sei exatamente o que tenho de fazer para melhorar, e sei que este espaço me vai dar condições para isso. E para que os aspetos bons que a galeria tem – e não tenho qualquer falsa modéstia em

relação a isso – possam ser mais visíveis e sublinhados. O espaço em que estivemos até agora é pequeno e penso que agora o trabalho vai ser mais visível. É um espaço térreo numa das ruas principais e históricas do Bairro Alto, e vai ter uma frente de rua simpática.

[ASD] ***Envolveste-te na organização do Bairro das Artes, com as outras galerias do Bairro Alto. Como é que isso aconteceu?***

[AM] O Bairro das Artes é uma produção e uma ideia da galeria e do I Love Bairro Alto. Surgiu em conversa há cinco anos, este ano foi a quinta edição. Estava a conversar com o Cláudio Garrudo porque ia pôr no site da galeria um mapa com as várias galerias circundantes e de repente percebi que mais de metade das galerias de Lisboa com atividade regular estão nesta zona. As pessoas não tinham bem consciência disto. Como ele tem o projeto do I Love Bairro Alto, que é uma marca, um site que potencia gratuitamente espaços comerciais, galerias, lojas, museus da Sétima Colina, tivemos esta ideia maluca de preparar tudo para as galerias terem um evento comum, com inaugurações ou lançamentos de livros. Pensámos nisto em maio e fizemos a primeira edição em setembro, o mês da *rentrée*. O objetivo era – e ao fim de cinco anos estamos ambos contentes com isso – chamar a atenção para esse facto. É muito bom, tem um retorno muito bom, nesse dia – é só um dia – ver as pessoas de mapa na mão e percorrer as várias inaugurações. Já entrou nos hábitos.

[ASD] ***A ideia foi bem acolhida pelas galerias?***

[AM] Foi muito bem acolhida. Temos tido sempre um crescendo, este ano tivemos um record, foram 23, o que representa 90 por cento dos espaços que existem na Sétima Colina. Tivemos o apoio fundamental da Junta de Freguesia da Misericórdia. O Bairro das Artes assenta em dois vetores – galerias da Sétima Colina e de arte contemporânea, que tenham uma atividade regular. Nunca estabelecemos qualquer critério de gosto. Pensamos no próximo ano contemplar a área geográfica da Freguesia da Misericórdia. Deve ser maravilhoso trabalhar nessa Junta porque tem imenso potencial, escolas, universidades, museus, galerias... Temos tido pedidos de participação de galerias que ficam na fronteira da Sétima Colina, portanto talvez alarguemos, não está decidido. Por ter sido sempre frequentadora de galerias e museus e ter tido sempre isso como parte da minha vida, sempre pensei em chegar a mais públicos. A questão é: como é que se consegue chegar lá, não só numa perspetiva comercial, mas como é que a galeria pode também ter essa função de troca de experiências, de hábitos culturais, de as pessoas terem contacto com a arte?

Nem sempre a arte contemporânea é bem aceite pelo público em geral. O Bairro das Artes surgiu como um reflexo dessa preocupação de trazer mais gente, de criar esse hábito. Causava-me uma

grande estranheza, nos primeiros anos da galeria, as pessoas perguntarem se era preciso pagar para ver, ou eu dar a folha de sala e as pessoas não terem reação, “entrarem mudas e saírem caladas”. Chegavam espanhóis e falavam imenso, faziam imensas perguntas. O público português, de uma forma genérica, não tem o hábito de ir a galerias. Vai muito aos museus, às grandes exposições, à EDP, ao Museu Berardo, à Gulbenkian, que têm tido muito público – ainda agora o Museu Nacional de Arte Antiga duplicou o número de visitantes – portanto há muito o hábito dos espaços museológicos mas das galerias não há tanto.

[ASD] ***Como se fosse intimidante?***

[AM] Sim, as pessoas têm a ideia de “como não podem comprar não vou, não me sinto à vontade”, ou acham que é uma coisa elitista. Sempre tentei, e quero continuar a fazer isso, quebrar essa barreira. O Bairro das Artes é um exemplo disso. Outra iniciativa nesse sentido é a dos “galeristas por um dia”, criada em 2008 e que vou manter. Já convidámos cinco pessoas de áreas diferentes, também com essa intenção – a Bárbara Guimarães da televisão, a Bárbara Coutinho, diretora do MUDE, o músico Rodrigo Leão, o escritor Gonçalo M. Tavares e o arquiteto Paulo David. Agora queria um político mas ainda não encontrei um certo. Ou então uma pessoa do humor, é outra hipótese.

Essa iniciativa é muito enriquecedora para mim e para os artistas também tem

sido. É muito curioso ver como é que se trabalha um acervo e como é que as mesmas obras, noutra discurso, ganham outra vida. Houve uma exceção neste processo, com o Gonçalo M. Tavares, em que as obras foram inéditas e construídas a partir das pessoas do Bairro. Essa iniciativa, além do lado interno e do desenvolvimento, tem muito a ver com os públicos que vêm – quando foi o Paulo David vieram imensos arquitetos, com o Gonçalo vieram pessoas da literatura, com o Rodrigo Leão da música. Portugal tem uma sociedade muito segmentada, as pessoas do teatro vão ao teatro, as da música vão aos concertos... não há um cruzamento, e isso é redutor. São pessoas com sensibilidade artística mas estão muito fechadas sobre o seu próprio círculo.

Para mim, a grande função de uma galeria, para lá do trabalho com os artistas, é ter esse sentido, essa missão, esse lado pedagógico, não paternalista, de abrir o mundo às pessoas de mostrar que a arte pode não resolver os problemas do mundo mas pode certamente ajudar a que pelo menos sejamos um bocadinho mais felizes. Essa tem sido sempre uma preocupação, é um dos eixos que quero trabalhar.

[ASD] ***E o projeto dos Amigos das Salgadeiras?***

[AM] Neste momento temos 55 amigos, é uma espécie de plano de poupança-arte. As pessoas fazem uma pequena contribuição mensal e ao fim de um determinado período, no máximo

dois anos, aquilo que amealharam reverte para a aquisição de uma obra. Esta iniciativa permite-nos chegar a pessoas que querem ter arte em casa, às vezes veem coisas de que gostam mas não conseguem comprar. É uma forma de, em suaves prestações, conseguirem adquirir uma obra. Tem sido um grande sucesso. Vamos apostar mais nisso, até porque o momento é de crise. E em termos de viabilidade económica da galeria é extremamente importante.

[ASD] ***Tens sempre a ideia de trabalho em comum, de agregar vontades e esforços, na base dos teus projetos?***

[AM] Até tenho um verbo para isso: blimundar. Em 2008, reli pela enésima vez o “Memorial do Convento” a propósito do programa de televisão “Páginas Soltas”. Perguntaram-me qual é para mim “o livro”, e foquei-me na história da Blimunda e da recolha de vontades. Muito a medo, confesso, porque sendo neta poderia parecer um bocado lamechas. Mas nessa altura já tinha a galeria e este trabalho todo desenvolvido com os artistas e com os voluntários, com a quantidade de pessoas que se juntam a esta ideia louca de abrir uma galeria. A Blimunda anda a recolher as vontades para a Passarola voar, e lembrei-me que podia existir o verbo blimundar. É um verbo que usamos muito, as minhas comunicações com os artistas acabam com um “blimundemos!”, porque isto tem muito que ver com a minha maneira de ser. As coisas para mim só fazem sentido em conjunto. É um trabalho coletivo. Há coisas que eu

tenho de liderar e decidir, tenho a minha função, da mesma maneira que não me vou imiscuir se é um azul klein ou um azul petróleo, isso é o artista que sabe. Mas acredito muito no trabalho conjunto e essa ideia de blimundar, de recolher as vontades dos artistas, das pessoas que colaboram com a galeria, dos voluntários, uma série de pessoas que se juntam em torno disto, isso é que tem feito a galeria levantar voo.

11 anos
99 Exposições
67 na Galeria das Salgadeiras,
32 *Fora de Portas* das quais **7** no estrangeiro
[*Espanha, Grécia, República Checa, Roménia*]

Parcerias com instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras:

Bairro das Artes, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca de Andaluzia [*Granada*], Casa das Mudas [*Calheta*], Centro Cultural do Cartaxo , Centro Dar Al-Horra [*Granada*], Chemistry Gallery [*Praga*], Espaço Ginjal [*Almada*], Encontros da Imagem [*Braga*], Espaço Old Town [*Hotel Porto Bay, Funchal*], Estação Fluvial de Belém, Festival InShadow, H'Art Gallery [*Bucareste*], Galeria Municipal Boavista, Galeria Fábulas, Galeria FotoGrafic [*Praga*], Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, KGaleria, Kino Aero [*Praga*], Melina Cultural Center [*Atenas*], Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal [*Setúbal*], Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Museu da Imagem [*Braga*], Museu Municipal de Ourém, Teatro da Trindade, Terminal Fluvial do Cais do Sodré,

43 Artistas

**Cláudio Garrudo, Helena Gonçalves, Ilda Reis,
Jaime Vasconcelos, Joanna Latka, Marta Ubach,
Pauliana Valente Pimentel, Teresa Gonçalves Lobo**

Ana Portugal, Anna Stankiewicz-Odoj, António Faria, António Romão, Augusto Brázio, Bruno Borges, Catarina Patrício, David de Almeida, Diogo Costa, Filipe Abranches, Filipe Casaca, Friederike Just, Gili Mocanu, Guilherme Almeida Ribeiro, Guilherme Parente, Jean-Pierre Santos, João Vilhena, José Cunha, Juan Mar, Lucie Skrivánková, Lucília Monteiro, Luisa Mello, Martha Barros, Miguel Telles da Gama, Miriam Faria, Pinto Marinho da Silva, Rene Kubasek, Ricardo Leite, Rodrigo Prazeres Saias, Rogério Ribeiro, Rute Gaspar, São Nunes, Saulo Silveira, Susana Lemos, Tiago Casanova

SOBRE A EXPERIÊNCIA “GALERISTA POR UM DIA”

Gonçalo M. Tavares

A escrita é sempre uma imagem em potência. Ou seja, ainda não é imagem, mas pode vir a ser milhares de imagens (as que estão na cabeça do leitor). Para quem escreve o prazer da escrita avança para o prazer de ver quem lê transformar o que leu numa outra coisa.

Tradução rápida: quem lê desenha, quem lê pinta, quem lê fotografa. Tu dás-me um texto, eu dou-te uma imagem. E muitas vezes, o inverso: tu dás-me uma imagem, eu dou-te um texto.

Participar na iniciativa “Galerista por um dia”, na Galeria das Salgadeiras – correspondendo ao simpático e entusiasmante convite de Ana Matos – através de cruzamento do meu trabalho da série «O Bairro», com as obras de Cláudio Garrudo, Joanna Latka, Helena Gonçalves e Jaime Vasconcelos foi uma manifestação prática de que as artes, as várias artes, estão sempre aos segredinhos umas às outras – e só não fala e não ouve a arte que está ao lado quem está mesmo muito distraído.

O universo lúdico dos Senhores do Bairro foi colocado/reconfigurado nas imagens e pinturas – e pinturas – instalações, ou o que mais se lhes queira chamar – destes quatro artistas, todos eles com um mundo próprio que se apropriou do bairro, e do imaginário que o rodeia, para fazer algo criativo e forte dentro da área específica de cada um. A experiência foi para mim muito importante – conhecer os artistas e, em alguns casos, a forma como trabalham, é sempre um privilégio. Não

fui galerista por um dia, fui mais um admirador dos processos criativos de quatro grandíssimos artistas, bem como testemunho do empenho contagiante da galerista primeira, Ana Matos.

O senhor Calvino, o senhor Breton, o senhor Henri, o senhor Juarroz e o resto dos habitantes do bairro ficaram contentes.

E as personagens têm sempre razão.

O QUE SEREMOS

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”

Fernando Pessoa, *in* Mensagem

A arte é um bem público